



FABIANE MARIA BARACHO GAMA DE AMORIM

IX ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO  
BÁSICA

GT 16: CULTURAS JUVENIS NA ESCOLA

FORMAÇÃO DOCENTE E CULTURAS JUVENIS NA ESCOLA: UM OLHAR  
SENSÍVEL ÀS EXPRESSÕES CONTEMPORÂNEAS DA JUVENTUDE, COM  
ÊNFASE NA AUTOMUTILAÇÃO

São Paulo, São Paulo  
2025



## FORMAÇÃO DOCENTE E CULTURAS JUVENIS NA ESCOLA: UM OLHAR SENSÍVEL ÀS EXPRESSÕES CONTEMPORÂNEAS DA JUVENTUDE, COM ÊNFASE NA AUTOMUTILAÇÃO

Fabiane Maria Baracho Gama de Amorim <sup>1</sup>

### RESUMO

Nos propomos em fazer uma reflexão crítica sobre a formação dos professores do ensino médio diante das culturas juvenis, enfatizando as manifestações relacionadas à automutilação. O modelo de escola adotados nos tempos atuais ainda em sua grande maioria tem uma postura tradicional, que muitas vezes não dialoga com as demandas dos jovens nos dias de hoje. O ponto que nos atemos é a automutilação, que por muitas vezes é avaliada como uma prática apenas da ordem de saúde pública e transtornos de ordem psicológica. A formação dos profissionais que estarão na escola no trato com os estudantes de maneira direta se faz primordial, assim a automutilação comunica angústias, sentimentos de pertencimento e formas de resistência simbólica, revelando o modo como os jovens vivenciam e expressam suas experiências sociais. A proposta segue uma abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica e na análise de experiências formativas no campo da licenciatura e da formação continuada, buscando compreender de que maneira os processos formativos estão incorporando as discussões sobre juventude e suas múltiplas expressões, especialmente as ligadas ao sofrimento social, psíquico e corporal. Entendemos que há uma necessidade de investir na formação do professor e de que forma isso pode ser feito, acreditando em uma escuta sensível pautada no conhecimento sociológico.

**Palavras-chave:** Formação; Culturas juvenis; Automutilação; Educação e saúde.

---

<sup>1</sup> Mestra em sociologia pelo ProfSocio- Fundaj-PE, Mulher, branca residente na cidade do Recife no estado de Pernambuco. [fabiane.amorim@aluno.fundaj.gov.br](mailto:fabiane.amorim@aluno.fundaj.gov.br).

## INTRODUÇÃO

As transformações culturais, sociais e tecnológicas das últimas décadas impactaram significativamente a vivência dos jovens, especialmente no contexto escolar. Essas mudanças trazem para o contexto social novas e velhas demandas evidenciadas no cotidiano, assim, precisamos compreender como esse jovem se enxerga nesse novo contexto social, e de que formas suas interações com o espaço social estão ocorrendo. As chamadas culturas juvenis, compreendidas como formas próprias de expressão, sociabilidade, linguagem e construção identitária dos jovens, vêm ocupando lugar central nos debates sobre educação, como esses jovens estão construindo suas identidades. Entretanto, práticas e comportamentos que escapam às normas escolares e sociais, como a automutilação, ainda são pouco compreendidos no âmbito da formação docente, que precisa cada vez mais se inteirar do universo juvenil. Com o intuito de contribuir com essa demanda, vislumbrando entender as culturas juvenis e como a automutilação pode estar inserida nesse contexto, nos debruçamos em uma tentativa de contribuir com a formação do docente, não para a divulgação das práticas auto lesivas, mas para entender socialmente como essa se manifesta e que pontos precisamos fortalecer para que o debate ocorra de forma coerente.

A automutilação, apesar de frequentemente associada a transtornos psíquicos, pode também ser analisada como uma expressão simbólica de sofrimento, resistência ou busca de pertencimento dentro das culturas juvenis (Dall’Agnol, 2017; Costa & Rodrigues, 2014). Nesse sentido, é urgente pensar em uma formação de professores que vá além da dimensão técnica e conte com dispositivos formativos que possibilitem compreender os jovens em sua complexidade, acolhendo suas dores, seus modos de existir e sua forma de comunicar experiências como a automutilação. Assim a escola, como espaço de socialização e produção de sentidos, precisa estar atenta às múltiplas linguagens que os estudantes utilizam para expressarem suas emoções, especialmente quando essas linguagens se manifestam por meio do corpo. O trabalho se propõe a discutir como os cursos de licenciatura e formações continuadas têm abordado as expressões das culturas juvenis, com destaque para práticas de automutilação, e quais caminhos podem ser trilhados para tornar a formação docente mais sensível e que converse com a juventude com clareza. Para isso nos debruçamos sobre a formação dos professores do médio de uma unidade de ensino da região metropolitana do Recife e qual o conhecimento e que tipo de abordagem vem sendo feita pelos professores levando em conta as dinâmicas juvenis, o trabalho aponta como esses professores veem e dialogam com a juventude

sobre a ótica da automutilação. A forma como os docentes lidam com o problema da automutilação nas escolas é importante para que haja entendimento e orientação. A automutilação tem um impacto muito significativo nos ambientes escolares na atualidade, causando baixo desempenho escolar dos praticantes e interferindo nas relações sociais. Reiterando que os professores precisam ter acesso a formações que os auxiliem nesse processo de construção do conhecimento com os estudantes.

Os docentes desempenham um papel importante como suporte emocional e educacional. Entendemos que, quando os professores recebem uma formação adequada aliada aos seus saberes, conseguem contribuir de maneira muito mais eficaz com os discentes. Assim, acreditamos na formação continuada como um elo entre o conhecimento do professor e suas práticas pedagógicas.

## METODOLOGIA

Este estudo insere-se no campo da pesquisa qualitativa em educação, cuja ênfase recai sobre a compreensão de fenômenos sociais e culturais, em especial aqueles relacionados às juventudes e à formação docente. A pesquisa tem caráter exploratório e interpretativo, buscando identificar e analisar como as culturas juvenis particularmente a automutilação enquanto prática simbólica são abordadas na formação de professores, tanto inicial quanto continuada.

A estratégia metodológica adotada fundamenta-se em dois eixos principais: a revisão bibliográfica e a análise documental. A revisão bibliográfica contempla produções acadêmicas que discutem as juventudes, a automutilação no contexto escolar as discussões construídas no espaço escolar mediadas pelos professores, visando compreender como os processos de formação docente e as relações entre saúde mental e educação estão sendo contextualizadas nas formações ao professor. Foram utilizados, para isso, livros, artigos científicos, teses e dissertações publicados nos últimos quinze anos, a fim de mapear os principais debates e contribuições sobre o tema, também nos valem de uma formação dada aos professores do sistema público estadual de educação do estado de Pernambuco.

A análise documental foi realizada a partir da leitura crítica de currículos de cursos de licenciatura de universidades públicas brasileiras, além de diretrizes de políticas públicas voltadas à formação de professores e documentos oficiais que tratam da saúde mental na escola (como o Plano Nacional de Educação e documentos do Ministério da Educação e da Saúde). O objetivo dessa análise é identificar se e como as temáticas relacionadas às culturas juvenis e às práticas auto lesivas são contempladas nos processos de formação dos professores.

A análise dos dados foi conduzida com base na técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2011), permitindo a categorização dos materiais em torno de eixos temáticos, como: concepções de juventude, saúde mental e sofrimento psíquico na escola; práticas pedagógicas e escuta docente; e lacunas na formação quanto às expressões juvenis contemporâneas. Essa metodologia possibilita uma reflexão crítica sobre os discursos e práticas que atravessam a formação docente, contribuindo para o debate sobre a necessidade de um olhar ampliado, sensível e ético diante das expressões juvenis no ambiente escolar.

Relacionando o currículo com as práticas diárias dos professores em sala de aula podemos perceber que muito distante está da realidade o que se obtém nas academias, vem a

dificultar de forma bem direta os conteúdos e temas abordados em aula. Alguns temas como a automutilação mesmo que sua análise sendo feita da ótica social, se trata de um tema por si delicado e de difícil abordagem, contudo, o fortalecimento das práticas pedagógicas dos docentes junto aos estudantes.

O comparativo do que se está sendo debatido nas universidades e as práticas docentes diante das demandas juvenis é oposta, se distanciando das necessidades do debate, a teoria não condiz com a prática, sobretudo quando se trata de contemporaneidades, não que os processos de automutilação sejam uma prática nova, mas percebemos que diante das novas demandas juvenis os professores não estão preparados para iniciar o debate de modo a contribuir com a avaliação das mudanças do espaço social e das pessoas inseridas nos mais diversos contextos sociais.

Uma das técnicas utilizadas foi a contribuição dialogada na formação dos professores, abordando o tema de forma direta e os consultando sobre de que maneira eles avaliam que podem contribuir com o debate no intuito de contribuir para a construção de um pensamento analítico da ótica social sobre o processo da automutilação nas escolas entre os jovens (imagem 1). Para nossa surpresa alguns professores trabalhavam o tema de maneira pontual com turmas que percebiam que haviam praticantes da automutilação, mas, confessavam que por vezes não se sentiam preparados para a conversa com os estudantes por avaliarem que o assunto deveria ser tratado por um psicólogo. Mesmo os professores de sociologia e ciências humanas no geral não faziam a conexão entre o tema e suas causas ligadas ao contexto social e o impacto gerado entre os jovens, ainda não avaliavam que por se tratar de uma prática inserida no universo juvenil afeta direta e indiretamente a escola, desta maneira se fazendo necessário o diálogo para que se construa um conhecimento que quebre as questões do empirismo.



**Imagem 1-** Abordagem do tema com os professores da educação básica



**Fonte:** Arquivo pessoal

Notamos que a inquietude foi geral, percebemos também por parte de alguns o total desconhecimento sobre como trazer para o universo das aulas o tema, questionando inclusive a importância de se fazer essa abordagem. Entendemos que as formações de professores são convencionais em sua grande maioria, abordam conteúdos clássicos e por vezes não tendo espaço para a reflexão, o que não pode acontecer quando se trata de culturas juvenis, pois a juventude se molda e constrói também seus espaços sociais, desenvolvendo uma linguagem própria para comunicar sua forma de interagir com o espaço que o rodeia.

A formação de professores de maneira geral não precisa estar sempre atrelada a conteúdos tradicionais, é importante que no contexto atual vários temas sejam abordados, para que naturalmente sejam inseridos na dinâmica das aulas como um conteúdo comum e assim possam contribuir com uma orientação aos jovens mais fluida, sem tabus ou medos do que está sendo abordado.

Trouxemos aos professores formas de abordagem, montando um contexto onde a primeira coisa abordada fosse a identidade do jovem, como ele se percebe participante de seu meio social, e na construção dessa identidade onde a automutilação está inserida e como



podemos entender os processos auto lesivos avaliando os contextos sociais onde o praticante está inserido. Aos professores por vezes isso parece um pouco distante de suas habilidades como docentes, mas, sabendo de como é importante que as formações para professores estejam sempre abertas a ampliação de debates que não foram iniciados nas universidades. Muitos professores alegam que suas formações docentes não abordavam os temas das culturas juvenis, se limitando a conteúdos tradicionais e previstos, o que não pode ser fator limitante para se promover o debate. Devido a tudo defendemos uma formação docente de forma continuada nos mais diversos temas, sobretudo em contextos auto lesivos, percebendo que é um crescente os praticantes e que não se tem um único fator social que seja responsável pelo aumento das práticas de auto lesão.

## REFERENCIAL TEÓRICO

As culturas juvenis constituem-se como construções sociais marcadas pela diversidade de experiências, linguagens, estéticas e formas de sociabilidade, sendo atravessadas por processos históricos, midiáticos, territoriais e afetivos. Segundo Dayrell (2007), a juventude não é apenas uma etapa biológica da vida, mas uma construção social que se expressa de maneira plural, em permanente negociação com as instituições sociais, como a escola e a comunidade. Os jovens, ao adentrar o espaço escolar, não deixam do lado de fora suas experiências, emoções e formas próprias de estar no mundo, o que exige da escola e, sobretudo, dos professores uma escuta atenta e um olhar contextualizado. Dessa forma a preocupação em formar o docente em temas que estão em consonância com as demandas atuais é algo indispensável quando pensamos em formação docente, com um único intuito que é a promoção do amplo debate das culturas juvenis e como essas impactam no espaço social.

A escola historicamente opera por mecanismos de normalização e controle dos corpos e dos comportamentos, como nos traz Foucault (1988), o que tende a silenciar ou nominar como transtornos expressões juvenis que fogem às normas estabelecidas. Assim, manifestações como a automutilação passam a ser tratadas, muitas vezes, de forma exclusivamente clínica, desconsiderando suas dimensões simbólicas, culturais e sociais, partindo da premissa que os processos auto lesivos por vezes denotam uma instabilidade emocional por vezes provocada pelos contextos sociais imprimidos ao jovem. A automutilação pode ser compreendida, nesse sentido, como uma linguagem do sofrimento, uma forma de comunicação de dores subjetivas que não encontram espaço legítimo de expressão (Dall’Agnol, 2017).

De acordo com Costa e Rodrigues (2014), práticas auto lesivas entre adolescentes devem ser compreendidas a partir de uma leitura ampliada que envolva a escuta do sujeito, a consideração de seu contexto social e a problematização dos discursos que o atravessam. No ambiente escolar, onde os jovens passam boa parte de sua vida, assim é fundamental que os educadores estejam preparados para reconhecer os sinais e compreendê-los não como desvios, mas como formas de expressão e comunicação social. Nesse sentido, a formação de professores precisa ser pensada de forma crítica e sensível, incorporando discussões sobre saúde mental, culturas juvenis e práticas pedagógicas capazes de dialogar com o universo juvenis, entendendo que as mais diversas expressões fazem parte da construção social que está sendo promovida pelo jovem. Como afirmar Abramowicz e Silva (2016), formar professores é também formar

sujeitos capazes de dialogar com a complexidade das juventudes, reconhecendo suas vulnerabilidades, potências e os atravessamentos culturais e sociais que moldam suas experiências escolares.

Portanto, ao articular os estudos sobre juventude, corpo, sofrimento e escola, este trabalho busca sustentar a ideia de que uma formação docente comprometida com o reconhecimento das culturas juvenis e das expressões simbólicas do sofrimento, como a automutilação, é essencial para que entendamos como esse fenômeno social fala a escola que é necessário abrir esse diálogo. Entendemos ainda que desconstruir um processo formativo pautado no tradicional e previsto é algo muito complexo, haja dito que para alguns não é perceptível o caráter formativo inseridas no contexto dos temas que não gostaria de chamá-los de transversais por entender que são construtores de espaços sociais, de maneiras de comunicar a sociedade transformações importantes que estão caminhando nos universos juvenis, sendo esse o maior ganho, poder contribuir através das análises sociais por uma mudança de comportamento pautadas no conhecimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação de professores, no contexto contemporâneo, enfrenta o desafio de dialogar com as múltiplas expressões das juventudes que habitam o espaço escolar. Entre essas expressões, a automutilação se destaca como um fenômeno que exige escuta qualificada, compreensão sensível e posicionamento ético por parte dos educadores. Longe de se restringir a uma questão clínica ou individual, essa prática deve ser entendida como uma linguagem do sofrimento, atravessada por experiências de exclusão, silêncio e busca por pertencimento nas dinâmicas escolares e sociais. Este estudo evidenciou que, embora haja avanços nas discussões sobre diversidade e inclusão nos currículos formativos, as culturas juvenis ainda são pouco exploradas de forma crítica e contextualizada na formação docente. Os conteúdos tradicionais por vezes não dão margem para outros debates, o que é demasiado empobrecedor, do ponto de vista que não se amplia discussões necessárias ao entendimento de dinâmicas juvenis que contribuem e ditam construções de espaços sociais cada vez menos explorados por sua complexidade.

A automutilação, em particular, permanece como um tema marginalizado ou tratado sobre perspectivas normativas e clínicas, o que contribui para a manutenção de práticas educativas distantes das realidades e dos conflitos vivenciados pelos estudantes no âmbito social e escolar. A necessidade de trazer para o espaço escolar a análise do universo juvenil é inadiável, não se pode continuar ignorando as construções dos jovens e suas implicações sociais que falam por si quando percebemos de maneira empírica que as ações são multicausais, assim, sendo importante traçar essa construção com os estudantes, e para isso a formação de professores precisa se reinventar e ser somada aos conteúdos tradicionais as novas demandas.

Defende-se, portanto, a urgência de uma formação docente que incorpore o cuidado como dimensão pedagógica, que valorize os saberes e vivências juvenis, e que promova o acolhimento das subjetividades em sala de aula. Tal formação deve reconhecer o papel da escola não apenas como espaço de transmissão de conteúdo, mas como território de escuta, de afeto e de construção de vínculos capazes de prevenir o sofrimento psíquico e de fortalecer os laços comunitários. Ao reconhecer a automutilação como uma das expressões das culturas juvenis, propõe-se que os processos formativos superem abordagens moralizantes e se orientem por princípios de ética, escuta ativa e responsabilidade compartilhada entre educação e saúde. Contribuir para esse debate é reafirmar o compromisso com uma escola democrática, que

respeite as singularidades juvenis e promova uma educação verdadeiramente empenhada em analisar e propagar o conhecimento em torno das culturas juvenis e na problematização da automutilação como um indicador que aponta uma sociedade em sofrimento.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; SILVA, Kátia Regina (Orgs.). **Juventudes e escolas: entre projetos e dilemas**. São Paulo: Cortez, 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 5. ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

COSTA, Noêmia Rocha; RODRIGUES, Maria Aparecida Soares. **Cultura juvenil e comportamentos autolesivos: compreensões para a atuação em saúde mental**. Revista Psicologia em Pesquisa, Juiz de Fora, v. 8, n. 1, p. 45-52, jan./jun. 2014.

DALL'AGNOL, Denise. **Automutilação e juventude: um estudo sobre o corpo e o sofrimento psíquico**. Porto Alegre: Sulina, 2017.

DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” as juventudes? Reflexões sobre as relações entre escola e juventude**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out./dez. 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação – PNE**. Disponível em: <https://pne.mec.gov.br>. Acesso em: 19 fev. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. **Perfil do curso de Licenciatura em Ciências Sociais**. 2019. Disponível em:

[https://www.ufpe.br/documents/38970/411209/ciencias\\_sociais\\_licenciatura\\_perfil\\_1902](https://www.ufpe.br/documents/38970/411209/ciencias_sociais_licenciatura_perfil_1902). Acesso em: 14 fev. 2025.